

# THE IRON HORSE / 1924

## O Cavalo de Ferro

um filme de John Ford

**Realização:** John Ford / **Argumento:** Charles Kenyon, a partir de uma história de Charles Kenyon e John Russell / **Director de Fotografia:** George Schneiderman, Burnett Guffey / **Intertítulos:** Charles Darnton / **Assistente de Realização:** Edward O'Fearn / **Interpretação:** George O'Brien (Davy Brandon), Madge Bellamy (Miriam Marsh), Charles Edward Bull (Abraham Lincoln), William Walling (Thomas Marsh), Fred Kohler (Deroux), Cyril Chadwick (Jesson), Gladys Hulette (Ruby), James Marcus (Juíz Haller), Francis Powers (Sargento Slattery), J. Farrell MacDonald (Capitão Casey), James Welch (Soldado Schultz), Colin Chase (Tony), Walter Rodgers (General Dodge), Jack O'Brien (Dinny), George Waggner (Buffalo Bill Cody), John Padjan (Wild Bill Hickok), Charles O'Malley (Major North), Charles Newton (Collis P. Huntington), Delbert Mann (Charles Crocker), Chefe Big Tree (chefe Cheyenne), Chefe White Spear (Chefe Sioux), Edward Piel (velho chinês), James Gordon (David Brandon, Sr.), Winston Miller (Davy, criança), Peggy Cartwright (Miriam, criança), Thomas Durant (Jack Ganzhorn), Stanhope Wheatcroft (John Hay), Frances Teague (Polka Dot).

**Produção:** Fox / **Produtor:** John Ford / **Cópia:** DCP, versão com banda musicada, preto e branco, intertítulos em inglês legendados em castelhano e electronicamente em português  
**Duração:** 149 minutos / **Estreia Mundial:** 28 de Agosto de 1924 / **Estreia em Portugal:** Cinema Condes, 17 de Abril de 1928.

As condições de rodagem de **Iron Horse** esclarecem-nos bem sobre os ambientes gerais em que decorre o filme. Citamos: *“Fomos para o Nevada fazê-lo e quando lá chegámos estavam 20 graus abaixo de zero. Todos os actores e extras traziam roupas de Verão; foi divertidíssimo – toda a rapaziada em ceroulas brancas – tivemos um tempo do diabo... Pusemos as mulheres em carroças de circo e os homens faziam as suas casotas fora do set”*.

Ora, este *tónus* épico da rodagem contagia o próprio filme a dois níveis. Em primeiro lugar, ao nível da produção. O que fora pensado inicialmente como um pequeno filme – e John Ford confirma: *“John Russell escreveu o original de **Iron Horse** e era na verdade apenas uma pequena história”* – acabou por se tornar no maior filme feito pela Fox. Pormenor que não pode ser levado à conta de acidente anedótico porque, e passamos ao segundo nível, **Iron Horse** ressentir-se-á em termos narrativos tornando-se óbvios os “saltos” entre a acção dramática e o tom de epopeia que o filme quer simultaneamente assumir.

Assim se compreende, aliás, que a Fox tenha levado a sua intervenção no filme mais longe do que a esfera normal permitiria, tal como John Ford relatou a Bogdanovich: *“Eles tinham lá aquela rapariga a quem pagavam montes de dinheiro, e o Sol Wurtzel (um executivo da Fox) disse que não havia dela close-ups que bastassem. Então agarraram noutra realizador que a*

*pôs contra a parede, e ela batia as pestanas. Não tinham nada a ver com a fita – a luz não ligava, nem sequer a roupa ligava”.*

Se hoje a crítica parece apostar numa linha evolutiva cujos pólos seriam Griffith e Murnau, então **Iron Horse** poderá parecer uma paragem na caminhada. A explicação, afinal, pode bem passar pelo ovo de Colombo que Andrew Sarris expõe no seu *The Ford Movie Mystery*: “Com o primeiro filme **Iron Horse** rodado em espaço aberto, no Nevada, e o último **Four Sons** rodado em estúdio da Fox, não é nenhuma surpresa que **Iron Horse** evoque Flaherty e **Four Sons** Murnau”. Ou seja, em vez de uma paragem, um ligeiro desvio. Se esta tese nos merece toda a simpatia, há um lado chinês e obreirista na construção do caminho de ferro que Ford filma como que em reportagem directa, precisamos para sermos sinceros de recordar esse grão de areia que não abole a tese, mas que lhe introduz o sabor da diferença. Estou a pensar nesse inimaginável plano que é o primeiro ataque dos índios ao comboio. Porquê inimaginável? Porque é suposto que qualquer normal cidadão ao pensar o plano que contasse um ataque de índios a um comboio, pensasse em tudo (plano do comboio mais plano dos índios ou logo o plano de conjunto das duas partes) menos em mostrar todo o ataque, colocando lá o atacante menos a sua imagem. E isso é possível graças a esse lado germânico – outros dirão expressionista – de que Ford sofria então a tentação. O plano é inimaginável e só palidamente dizível: Ford dá-nos o plano das carruagens do comboio que passa e onde as sombras dos índios que atacam vêm ameaçadoramente projectar-se sem que, no entanto, cavalos e cavaleiros entrem no enquadramento. E mais não digo, porque é coisa para se ver, mais do que para dizer. Fiquemo-nos pela simplicidade com que Ford, falando do seu trabalho com o *cameraman* George Schneiderman, explica o que são sombras: “*Bom, eu gosto de ter sombras negras e de luz do sol branca. E gosto de pôr algumas sombras na luz.*”

**Iron Horse** não é um filme em que surja definido com absoluta coerência um projecto estético. Ford oscila – e as condições de produção referidas no início não serão alheias ao facto – entre várias concepções. No entanto, o filme é de um ponto de vista ético fortemente representativo da saga fordiana. Ainda que não se cerre decisivamente sobre um conjunto fechado de heróis – a ideia aqui é a de uma nação em marcha, em que a pequena comunidade se dissolve – esta é a epopeia dos pioneiros, a epopeia americana cuja ideia e causa Ford servirá, com refinadíssimo estilo e crença, em filmes posteriores de que, para já, **Drums Along the Mohawk** é o emblema.

São de Ford, sobretudo, estes divinos secundários que enumero: o juiz Haller, o sargento Slattery, o soldado Schultz e, maior do que todos, o cabo Casey que J. Farrell MacDonald representa, típica figura irlandesa da galeria do cineasta.

É de Ford essa vontade dos espaços abertos – são notáveis na sua clareza os planos da manada que os *cowboys* trazem para alimentar os trabalhadores – a que a sua câmara serenamente se entrega. E é de Ford, por fim, essa marcha da câmara que o comboio guia, numa subalternização do movimento daquela ao objecto máximo do seu filme que é em **Iron Horse** o comboio, como será, em **Stagecoach**, a diligência.

M.S. FONSECA